

## **A ARTE MAÇÔNICA NO PERÍODO ESPECULATIVO: um estudo sobre os frontispícios das Constituições de Anderson (1723) e Ahiman Rezon (1764)**

(THE MASONIC ART IN THE SPECULATIVE PERIOD: a study of the frontispieces of the Constitutions of Anderson (1723) and Ahiman Rezon (1764))

Fernando Souza <sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente artigo apresenta um estudo sobre a arte maçônica no período especulativo da instituição, tendo como principais objetos de análise os frontispícios das Constituições de Anderson (1723) e Ahiman Rezon (1764). A pesquisa foi realizada por meio de revisão de literatura, tendo como objetivo explicar os principais elementos presentes nas ilustrações, realizando uma exposição sobre a presença de elementos mitológicos, filosóficos e religiosos das civilizações grega, romana e hebraica, além de importantes personagens da maçonaria e dos elementos do simbolismo maçônico, bem como seus significados e implicações.

**Palavras-chave:** Maçonaria; Arte; Música; Filosofia.

### **Abstract**

This article presents a study on Masonic art in the speculative period of the institution, having as main objects of analysis the frontispieces of the Anderson's Constitutions (1723) and Ahiman Rezon (1764). The research was carried out through a literature review, aiming to explain the main elements present in the illustrations, making an exposition on the presence of mythological, philosophical and religious elements of the Greek, Roman and Hebrew civilizations, as well as important characters of Freemasonry and of the elements of Masonic symbolism, as well as their meanings and implications.

**Keywords:** Masonry; Art; Music; Philosophy.

<sup>1</sup> Discente no Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe (PPGCR/UFS); pós-graduado (Lato Sensu) em História das Religiões e Filosofia da Religião; graduado tecnólogo em Gastronomia; licenciando em Ciências da Religião; pós-graduando (Lato Sensu) em Metodologias Ativas na Docência da Educação e em Maçonologia: História e Filosofia. E-mail: [fernandordesouza@yahoo.com](mailto:fernandordesouza@yahoo.com)

## 1. Introdução

A maçonaria possui um sistema rico em diversidade de significação filosófica e simbólica. Toda essa riqueza está disposta em suas cerimônias ritualísticas que apontam para a necessidade de se compreender o uso constante de símbolos, sendo sua utilização uma forma de transmissão de conhecimento. (MACNULTY, 2007)

Sua história está dividida em três períodos, sendo o primeiro a "maçonaria primitiva", dotado de controvérsia quanto a data de sua origem e posterior desenvolvimento. O segundo período é o da "maçonaria operativa", que possui seu ápice no período medieval e perdura até o final do século XVII. É nesse período que aparecem as chamadas Old Charges, ou "Antigas Obrigações", que são documentos que demonstram as principais práticas dos maçons e das lojas naquele período. O terceiro e atual período da instituição, é a chamada "maçonaria especulativa", também chamada "moderna". É assim denominada por ser o momento onde homens que não estavam vinculados ao ofício de pedreiro passam a ser aceitos nas reuniões. Tais movimentações culminam naturalmente em uma mudança de perspectiva e de atuação da maçonaria.

Desse modo, aos poucos as ferramentas utilizadas nas obras de construção passam a ser ressignificadas e a dar espaço ao simbolismo e à filosofia. Essas mudanças espalharam-se gradualmente em todo o arcabouço simbólico da maçonaria e passaram a ser expressas através de diversas manifestações artísticas, especialmente na música, na utilização de gravuras e pinturas, sendo esse, o principal método pedagógico na formação dos maçons dentro do período moderno da maçonaria.

Como consequência do desenvolvimento dos diversos sistemas intelectuais maçônicos, tudo aquilo que era de conhecimento comum aos pedreiros medievais passa a se tornar símbolo, vindo posteriormente a ser gravado nos aventais, rituais e locais de reunião dos maçons. Sobre isso, Macnulty (2007) aponta que "a atual maçonaria especulativa deriva a

maior parte de seus símbolos da arte operativa". (MACNULTY, 2007, p. 61)

O período operativo da maçonaria deixou um importante legado para a modernidade maçônica, sendo os diversos rituais um importante tesouro oriundo desta tradição. Conforme afirma Sousa (2017), "o ritual maçônico tem o objetivo de sensibilizar o 'eu interior' do homem a respeito dos ensinamentos simbólicos do grau e do rito que a sua loja pratica". (SOUSA, 2017, p. 58)

## 2. Análise do frontispício das Constituições de Anderson (1723)

Os rituais fazem parte da extensa e controversa literatura maçônica, neles estão dispostos uma importante parte da doutrina maçônica. A outra parte que completa todo o escopo doutrinário da maçonaria está disponível em seus escritos normativos, que servem como base legitimadora da instituição, apontando seus principais pilares, normas e regras.

Dentro desse grupo de escritos estão as diversas constituições maçônicas, sendo a mais conhecida delas 'As Constituições de 1723', a primeira publicação da recém-criada 'Primeira Grande Loja da Inglaterra' que foi estabelecida entre 1717 e 1721,<sup>2</sup> cujos princípios iluministas fornecem os fundamentos filosóficos da Maçonaria moderna. É documento que substituiu os preceitos tradicionais que regulavam a Maçonaria Operativa, e por isso, veio a ser considerado o principal documento e a base legal da Maçonaria Especulativa. Ele foi escrito pelo maçom James Anderson, Grande Oficial da Loja de Londres em Westminster, e por isso, também é conhecida como 'Constituição de Anderson'.

Dentre os conteúdos contidos na Constituição de Anderson (1723), chama particular atenção o frontispício gravado por John Pine (1690–1756), um importante gravador de Londres.<sup>3</sup> Em sua relação com a Maçonaria também produziu os primeiros diretórios das Lojas Maçônicas que detalhavam os nomes, si-

<sup>2</sup> Conforme aponta Pound (2021) a data tradicional de 1717 foi agora contestada por alguns historiadores maçônicos que propõem uma data posterior de 1721. Cf. Professor Andrew Prescott e Professora Susan Mitchell Sommers, 'Did Anything Happen in 1717?', em John S. Wade (ed.), *Ars Quatuor Coronatorum* (Londres: Quatuor Coronatorum Lodge Nº. 2076, Volume 131, 2018), pp. 43-60.

<sup>3</sup> Segundo apontamentos de Martin Cherry (2016), embora Pine seja registrado como o gravador do frontispício, há dúvidas consideráveis de que ele tenha sido o criador do desenho, que vários comentaristas atribuíram a Sir James Thornhill. (cf. H. Sadler, 'The Frontispieces to the Book of Constitutions', *Masonic Illustrated* Vol. 1, No. 7 (London: Spencer & Co., 1901), 153; A. Prescott, 'The Publishers of the 1723 Book of Constitutions', *AQC* 121 (2009), 155.

nais, locais e datas das reuniões das Lojas. Cherry (2016) aponta a importância deste elemento na obra:

Foi um passo significativo de uma organização embrionária impor sua metodologia ao fenômeno cada vez mais popular da Maçonaria. O significado que a Grande Loja anexou à publicação de suas constituições é evidenciada pela inclusão de um frontispício gravado que elevou o preço e o status do livro. Também incluía uma mensagem visual. (CHERRY, 2016, p. 1, tradução nossa)



Fig. 1. Frontispício da Constituição de Anderson de 1723.

Alguns dos personagens e elementos dispostos na imagem são mencionados por Martyn Cherry (2016) em seu artigo *Illustrations of Masonry: The Frontispieces of the Book of Constitutions 1723–1819*. A descrição do desenho demonstra tanto aspectos históricos quanto mitológicos, que de acordo com Derdyk (1994 apud TSUHAKO, 2015, p.2) servem como forma de linguagem expressiva, por meio da qual o homem se apropria das coisas ao seu redor e do mundo, atribuindo-lhes significados.

A compreensão sobre a relação entre o ser humano e a arte é parte imprescindível no estudo da maçonaria moderna e do seu arcabouço intelectual. Sobre isso, Buoro (2000) afirma que, "portanto, entendendo arte como produto do embate homem/mundo, consideramos que ela é vida. Por meio dela o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece" (BUORO, 2000, p. 25).

Desta maneira podemos dizer serem as invenções filhas das épocas em que acontecem, pois não há descoberta científica ou produção artística sem que existam condições materiais e psicológicas favoráveis ao seu aparecimento. Elas sempre se apoiam em acontecimentos anteriores, inscritos em um processo histórico (BUORO, 2000, p. 82, tradução nossa).

Cherry (2016) realiza uma descrição exegética bastante pertinente sobre o frontispício das Constituições de Anderson publicadas em 1723. O autor aponta que

O frontispício de 1723 retrata João, 2º Duque de Montagu, Grão-Mestre da Primeira Grande Loja em 1721, entregando uma cópia das Constituições e um conjunto de bússolas ao seu sucessor, Filipe, Duque de Wharton, cada um acompanhado por seus Deputados e Vigilantes. Um dos membros da comitiva de Montagu carrega aventais e luvas, uma representação inicial de ambos em um contexto maçônico. Uma das comitivas de Wharton é um clérigo, possivelmente Jean Theophilus Desaguliers, que se acredita ter sido Grão-Mestre em 1719 e Grão-Mestre Adjunto de Wharton em 1722. A cena se passa dentro de uma arcada clássica representando as cinco ordens da arquitetura, composta em primeiro plano e Toscana para trás. Através do arco toscano Hélios, o deus sol, voa com sua carruagem sobre uma divisão de mares e o diagrama da 47ª Proposição de Euclides flutua no espaço entre os dois Grão-Mestres (CHERRY, 2016, p. 3, tradução nossa).

Ainda é possível ver entre os pés dos Grãos-Mestres a palavra Eureka, fazendo referência à exclamação 'encontrei!', do matemático Arquimedes. Essa

palavra possui relação com a heurística e descreve técnicas baseadas na experiência e observação para aprendizagem e resolução de problemas, ajudando a encontrar respostas adequadas (KAHNEMAN, 2011).

Acima da palavra Eureka está o símbolo matemático da 47ª Proposição de Euclides, um triângulo retângulo com o quadrado do lado oposto ao ângulo reto igual à soma dos quadrados dos outros dois lados, teorema que é descrito por James Anderson (1679-1739) nas Constituições de 1723 como 'a Fundação de toda a Maçonaria, sagrada, civil e militar...' (POUND, 2021, p. 1). Este símbolo está associado à arquitetura e na maçonaria é usado pelos maçons que alcançaram a qualidade de Past Master.

De acordo com Macnulty (2007), "embora não seja uma religião, é certo que a maçonaria se vale da história e da filosofia religiosas" (MACNULTY, 2007, p.101). Assim como muitos escritos religiosos, é importante ressaltar que nenhuma das 'Histórias Tradicionais' da maçonaria devem ser tomadas como literais, pois não foram destinadas a serem compreendidas desta forma. Elas possuem finalidade alegórica, sendo criadas com noções românticas por seus autores (COOPER, 2002).

Essa ligação pode ser vista na decoração dos templos maçônicos, seus rituais e em sua vasta literatura, onde aparecem elementos religiosos gregos, romanos e hebreus, estando eles também presentes como elementos de segundo plano no frontispício.

Segundo Pound (2021), "as ondas do oceano são representadas como se estivessem sendo contidas por uma força invisível, símbolo da fuga dos israelitas do Egito e da separação do Mar Vermelho por Moisés" (POUND, 2021, p. 1), trazendo como simbolismo a ideia de redenção e obtenção de posse. Por sua vez, em sua análise, Cherry (2016) afirma que "o mar que se abre poderia representar o Antigo Testamento, que a história de Anderson usa como ponto de partida, progredindo até os dois nobres Grão-Mestres representando o Palladianismo e o Iluminismo (CHERRY, 2016, p. 4).

Os apontamentos e considerações feitos por Ricky Pound sobre o deus sol apresentam uma maior riqueza que os de Martin Cherry, que apenas o menciona como existente na obra. Apolo, filho de Zeus, é um deus da mitologia grega e romana, é considerado o deus da cura, da música e da poesia, o líder das Musas e a divindade padroeira de Delfos. No frontispício ele aparece desenhado em posição central no

céu, nas rédeas de uma carruagem, uma representação alegórica do sol se aproximando de seu meridiano. A intenção é impressionar o espectador com uma sensação de bem-estar filosófico, espiritual e científico, e implicar a aprovação divina. De acordo com Pound (2021):

em primeiro plano, um segundo arco em caixotões emoldura o deus sol Helios ou Apolo (padroeiro das artes) em sua carruagem enquanto ele corre pelo céu. Apolo está aqui provavelmente representando não apenas o corpo celeste do sol, mas também o conceito de iluminação. Os dois arcos podem ser lidos como representando o curso do sol enquanto viaja pelo hemisfério norte entre o equinócio vernal (21 de março) e outonal (21 de setembro). Apolo representa tanto o dia mais longo do ano (21 de junho, comemorado pelos maçons no dia da festa de São João Batista em 24 de junho), quanto o meio-dia, quando o sol está no ponto mais alto do céu (mais tarde declarado como o momento do assassinato de Hiram Abiff) (POUND, 2021, p. 2, tradução nossa).

A questão do sigilo maçônico presente nos conhecidos Landmarks de Mackey (Nº 11) e de Pike (Nº 4), também é trabalhada por Ricky Pound, de modo que, para o autor "as rosáceas do arco de caixotões mais próximo podem indicar a necessidade de guardar sigilo dentro da loja onde toda a conversa é privada, e, portanto, é falado sub rosa (sob a rosa)" (POUND, 2021, p. 2).

Na maçonaria vemos as colunas dórica, jônica e coríntia, representando força, beleza e sabedoria (PUSCH, 1982). Sobre o significado das colunas no frontispício, Cherry aponta que "o posicionamento das Ordens de Arquitetura com a Toscana, a mais antiga, ao fundo e a Compósita, a mais jovem, em primeiro plano, pode representar um avanço." (CHERRY, 2016, p. 4). Pound (2021), por sua vez, afirma que

estas colunas representam as cinco ordens arquitetônicas romanas e estão dispostas em termos de sua importância hierárquica e cerimonial. Começando com a ordem Compósita posicionada mais próxima dos Grão-Mestres, as colunas estendem-se na tela aumentando a distância em progressão do Coríntio, Jônico, Dórico e Toscano (POUND, 2021, p. 2, tradução nossa).

Adams identificou<sup>5</sup> em 1937 (CHERRY, 2016, p. 6, tradução nossa).

Elas também podem aludir aos cinco monarcas que apoiaram a reconstrução da Catedral de St. Paul, obra realizada pelo arquiteto Christopher Wren (1675-1708), são eles: Charles II, James II, William & Mary e Queen Anne.

### 3. Análise do frontispício do Ahiman Rezon (1764)

O Ahiman Rezon foi um documento escrito e publicado por Laurence Dermott em 1756, vindo a tornar-se a base constitucional da Maçonaria dos Antigos. Sua popularidade foi tão grande que posteriormente veio a ser utilizado como base para a constituição de diversas Grandes Lojas Estadunidenses. Apesar de sua importância, não era original, se tratava de uma versão adaptada das 'Constituições Irlandesas de 1751', escritas por Edward Spratt, um trabalho baseado nas Constituições de 1723 da Grande Loja da Inglaterra. Nas cinco décadas seguintes, diversas edições do Ahiman Rezon seriam publicadas na Grã-Bretanha, Irlanda e América, incluindo a notável edição de 1764.

Este documento foi responsável pela codificação e divulgação da 'Maçonaria dos Antigos'. O texto em diversos pontos aparece dotado de humor, contudo os principais argumentos são aqueles utilizados por Dermott, em favor da maior antiguidade e ritual superior dos Antigos em relação à forma praticada pelos 'Modernos'.

Os motivos que levaram Dermott a escolher o título Ahiman Rezon são um mistério, contudo sabe-se que as palavras tem sido frequentemente ditas como pertencentes à língua hebraica **אֲחִימָן רֵזוֹן**, que significa "uma ajuda para um irmão". Ahiman e Rezon também são personagens que aparecem na Bíblia.<sup>4</sup>

De acordo com Cherry (2016):

a primeira edição do Ahiman Rezon, as constituições da Grande Loja dos Antigos, impressas e vendidas por James Bedford no adro da Igreja de St Paul a partir de 1756, não tinha um frontispício, apenas uma folha de rosto bicolor muito movimentada, mas a segunda edição publicada em 1764 apresentava um frontispício e uma página de rosto gravados por um gravador chamado Larken, a quem Cecil



Fig. 2. Frontispício do Ahiman Rezon (1764)

A gravura de Larken para Ahiman Rezon é relativamente simples, consistindo em dois brasões, um descrito como 'As Armas da mais Antiga e Honrosa Fraternidade, de Maçons Livres e Aceitos' e o outro como 'As Armas dos Maçons Operativos ou de Pedra'. Laurence Dermott em seu ensaio sobre a Primeira Grande Loja ou Modernos, apresenta uma explicação sobre o design. Ele escreveu: "Entre outras coisas, eles apreenderam as armas dos pedreiros, que aquela companhia de boa índole lhes permitiu usar até hoje,

<sup>4</sup> Cf. 1 Crônicas 9:17; 1 Reis 11:23-25.

<sup>5</sup> Cf. C. Adams. 'Ahiman Rezon, the Book of Constitutions' AQC 46 (1937), p. 254.

razão pela qual vários dos irmãos viraram seus aventais à moda antiga e fingiram imitar os maçons operativos". Sobre o relato de Dermott, Cherry (2016) afirma que "em outras palavras, os Modernos roubaram as armas da London Company of Masons". (CHERRY, 2016, p. 8)

O comentário de Dermott segue com a descrição do brasão, mencionando os animais das quatro tribos principais de Israel: "o leão de Judá, o boi de Efraim, o homem de Rúben e a águia de Dã, sustentados por Querubins com rosto de homem, asas de águia, dorso e juba de leão, e pés de bezerro, com a Arca da Aliança, apropriadamente suportada pelos Querubins". (CHERRY, 2016, p. 8)

De forma semelhante aos Modernos, Dermott também se apropriou de um brasão de outros lugares, contudo dedicou parte de sua crítica para justificar a escolha para os Antigos:

Como eram as armas dos pedreiros que construíram o tabernáculo e o templo, não há a menor dúvida de serem as armas próprias da mais antiga e honrosa fraternidade de maçons livres e aceitos, e a prática contínua, formalidades e tradição, em todas as lojas regulares, do grau mais baixo ao mais alto, ou seja, O SANTO ARCO REAL, confirma a verdade aqui. (CHERRY, 2016, p. 8, tradução nossa)

Parte da crítica de Dermott estava ancorada na visão de que os Modernos estavam copiando a London Company of Masons, pois estavam trazendo inovações vistas como modernas e falsas para a Maçonaria, enquanto que, por outro lado, os Antigos mantinham-se fiéis ao caminho estabelecido nos templos bíblicos. (CHERRY, 2016)

Larken não era um gravador célebre e habilidoso quanto Pine, suas obras não aparecem nos catálogos online de nenhum dos museus ou galerias do Reino Unido, contudo conforme aponta Cherry (2016), "sua gravura do brasão de armas dos Antigos ajudou a transmitir o design e torná-lo uma das imagens mais reconhecíveis da Maçonaria do século XVIII, com várias Grandes Lojas Americanas incorporando-o em seus próprios brasões (CHERRY, 2016, p. 8).

#### 4. Considerações Finais

A arte maçônica em seu período especulativo, ou moderno, se apresenta de maneira rica e complexa englobando as multifacetadas da instituição, sendo também expressas em seus documentos oficiais. Sobre isso, as pesquisas de Martin Cherry e Ricky Pound nos apresentam bibliografia bastante considerável para o estudo e desenvolvimento de pesquisas sobre os frontispícios contidos nas diversas constituições maçônicas.

As Constituições de Anderson (1723) em seu frontispício confeccionado por John Pine, apresenta essa riqueza com elementos históricos, filosóficos, religiosos e simbólicos da Maçonaria, que além de embelezar a obra, traz aos maçons um excelente arcabouço sobre a ordem e as influências impressas nela.

O Ahiman Rezon de Dermott, por sua vez, não possuía frontispício em sua primeira edição (1756), entretanto, a sua segunda edição (1764) possui uma ilustração que veio a tornar-se um dos símbolos mais utilizados na Maçonaria anglo-saxônica. Os emblemas religiosos foram utilizados por Dermott como base argumentativa para realizar críticas aos Modernos e legitimar os Antigos, neste caso em específico, é possível constatar uma forma de uso político-organizacional do documento. O frontispício da terceira edição (1778) demonstra claramente essa questão apresentando um desenho que reflete a exclusão e marginalização dos Modernos em favor dos ramos irlandeses, escoceses e Antigos da maçonaria. Essa complexa relação da arte na Maçonaria especulativa demonstra certa complexidade e abre possibilidades para novas pesquisas na área.

Diversos outros frontispícios surgiram em outras edições das Constituições de Anderson e do Ahiman Rezon, bem como de outras constituições não mencionadas nesta pesquisa, que podem vir a ser um solo fértil para aprofundamentos e pesquisas futuras, contribuindo assim para o enriquecimento dos estudos na área da maçonologia no Brasil.

#### 5. Referências Bibliográficas

- BUORO, Anamelia Bueno. *O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- CARR, Harry. *O Ofício do Maçom*. São Paulo: Madras, 2018.

- CESCON, Juliane Panozzo. A produção azulejar - ensinamentos e aprendizados nas corporações de ofício em Portugal no século XVIII como muodo di fare. *Temporalidades*, vol. 9, n. 1, p. 290-309, 2017.
- CHERRY, M. Illustrations of Masonry: The Frontispieces of the Book of Constitutions 1723–1819. *Tercentenary Conference*. London: Quatuor Coronatorum Lodge N°. 2076, 2016. 16 pp. Disponível em: <<<https://www.1723constitutions.com/wp-content/uploads/2020/10/The-Frontispieces-of-the-Book-of-Constitutions-1723%E2%80%931819-Martin-Cherry.pdf>>> Acesso em 27 set. 2022
- COOPER, B. Knights Templar in Scotland – Creation of a Myth. *Ars Quatuor Coronatorum*. London: Quatuor Coronatorum Lodge N°. 2076, Volume 115, 2002.
- DAVIES, Malcolm. Freemasonry and Music. In: *Handbook of Freemasonry*. Leiden: Brill, vol. 8, p. 495-522, 2014.
- DERDYK, E. *Formas de Pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Editora Scipione, 1994.
- DERMOTT, L. *Ahiman Rezon, or help to all that are (or would be) free and accepted masons*. 2nd edition. London: Printed for the author and sold by Robert Black Book-binder and Stationer in George Yard, Tower Hill, 1764.
- HAYWOOD, H. L. *Famous Masons and Masonic Presidents*. Chicago: The Masonic History Company, 1944. 328 pp
- KAHNEMAN, Daniel. *Rápido e Devagar: duas formas de pensar*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 134.
- MACNULTY, W. Kirk. *A Maçonaria: símbolos, segredos e significados*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- POUND, R. *The Architectural Sources for the Frontispiece of James Anderson's Constitutions of the Free-Masons of 1723*. Academia.edu. 2021. 17 pp. Disponível em: <<[https://www.academia.edu/85959776/The\\_Architectural\\_Sources\\_for\\_the\\_Frontispiece\\_of\\_James\\_Andersons\\_Constitutions\\_of\\_the\\_Free\\_Masons\\_of\\_1723\\_1](https://www.academia.edu/85959776/The_Architectural_Sources_for_the_Frontispiece_of_James_Andersons_Constitutions_of_the_Free_Masons_of_1723_1)>> Acesso em 27 set. 2022
- PUSCH, Jaime. *ABC do aprendiz*. 2ª ed. Santa Catarina: Tubarão, 1982.
- SOUZA, Kleber Cavalcante de. *A Maçonaria em 24 lições: introdução ao estudo maçônico*. Natal: AMRA, 2017.
- THOMSON, Katharine. Mozart and Freemasonry. *Music & Letters* 57, n°. 1, 1976. p. 25-46. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/733806>. Acesso em 28 set. 2022.
- TSUHAKO, Yaeko Nakadakari. O desenho como linguagem expressiva: um estudo à luz da teoria histórico-cultural. 2015. (*Apresentação de trabalho/ Comunicação*). Disponível em: <<<https://www.marília.unesp.br/Home/Eventos/2015/jornadadonucleo/o-desenho-como-linguagem-expressiva.pdf>>> Acesso em: 27 set. 2022.